

# A Liga dos Cabeças Vermelhas

Escrito por **Sir Arthur Conan Doyle**

# A Liga Dos Cabeças Vermelhas

**V**isitei a casa do meu amigo, o Sr. Sherlock Holmes, em um dia de outubro do ano passado. Ao chegar, vi que ele estava em uma séria conversa com um homem idoso, de barriga proeminente, rosto corado e cabelos cor escarlate.

Desculpei-me por perturbá-los e já estava prestes a me retirar quando, de supetão, Holmes me puxou para dentro da sala e fechou a porta.

— Você chegou bem na hora, meu caro Watson — afirmou ele, em tom cordial.

— Fiquei receoso em vir, pois achei que você estaria ocupado.

— E estou. Bastante ocupado.

— Sendo assim, posso esperar aqui ao lado.

— Não, de forma alguma.

Dirigindo-se ao senhor com quem conversava antes, Holmes comentou:

— Sr. Wilson, este cavalheiro me acompanhou e me auxiliou em várias das minhas constatações mais célebres. Tenho certeza de que ele será muitíssimo útil no caso que o senhor me trouxe.

O cavalheiro robusto ergueu o corpo da cadeira e acenou com a cabeça em cumprimento, evidenciando as bolsas de gordura embaixo das pálpebras ao estreitar os olhos para me lançar um breve olhar indagador.

— Acomode-se no sofá — Holmes pediu enquanto se inclinava em uma poltrona e juntava as pontas dos dedos, como era de praxe quando ele estava em modo questionador. — Meu caro Watson, sei que você tem a mesma afeição que eu pelo atípico e por aquilo que se opõe aos padrões monótonos estabelecidos para o cotidiano. Essa afeição é visível no entusiasmo que lhe incitou a escrever crônicas sobre minhas singelas aventuras. E, por favor, não se ofenda, mas devo dizer que o entusiasmo também lhe incitou a adorná-las ligeiramente.

— De fato, seus casos sempre despertaram um enorme interesse em mim — constatei.

— Talvez você se recorde de um comentário que fiz antes de analisarmos o pequeno problema da Srta. Mary Sutherland. O melhor recurso para desvendar circunstâncias inusitadas é a vida: ela é mais desafiadora e mais incomum do que qualquer coisa maquinada na nossa imaginação.

— E você lembra que, naquele dia, duvidei dessa afirmação sem pedir licença.

— Claro, Doutor. Todavia, farei seus argumentos caírem por terra se vossa senhoria não mudar de opinião, abarrotando-lhe de fatos até que reconheça a veracidade da minha afirmação. Veja — Sherlock continuou —, o Sr. Jabez Wilson fez a gentileza de me visitar na manhã de hoje para introduzir uma situação que pode ser uma das mais singulares que já ouvi. Já comentei outras vezes e o farei agora: as coisas mais raras e mais curiosas muitas vezes estão conectadas aos delitos leves, não aos graves. Por vezes, elas também estão conectadas à existência de uma margem para dúvidas quanto a um delito ter sido perpetrado ou não. Pelo que escutei até agora, é impossível dizer se houve algum crime, mas as circunstâncias certamente figuram entre as mais extraordinárias de que já tomei conhecimento. Sr. Wilson, será que pode fazer o favor de recomençar o seu relato? Peço isso não apenas porque meu caro amigo Dr. Watson não ouviu o início, mas também porque o cunho incomum da história me deixa ávido para ouvir todos os pormenores direto da sua boca. Via de regra, consigo me nortear a partir dos milhares de casos similares que me vêm à memória ouvindo apenas um pouco sobre os acontecimentos em questão. No presente caso, sou obrigado a reconhecer que os fatos são, ao que me consta, únicos.

O senhor barrigudo estufou o peito com um exíguo ar de orgulho. Em seguida, buscou um jornal sujo e amassado no compartimento interno da sobrecasaca que usava. Enquanto ele olhava os classificados com o papel apoiado no joelho e a cabeça inclinada para frente, examinei o homem, tentando enxergar os elementos que sua aparência ou suas vestes poderiam indicar, como meu amigo fazia.

Minha análise, no entanto, não trouxe muitas informações. Nosso visitante apresentava as mesmas características que qualquer outro comerciante britânico comum, com sua obesidade, arrogância e lentidão. Ele vestia calças largas na cor cinza e em padrão xadrez. Sua sobrecasaca era preta, estava levemente suja e tinha os botões frontais abertos. Uma barulhenta corrente Albert para relógio de bolso e uma medalha que trazia um quadrado vazado em seu meio pendiam do colete esmaecido que o homem usava. Junto a ele, em cima de uma cadeira, via-se um puído chapéu alto e um sobretudo marrom que perdeu a cor com o colarinho de veludo amassado. Mesmo que eu fizesse os maiores esforços para examinar, não havia nada de impressionante nele, a não ser pelos cabelos rúbeos e pela intensa expressão de decepção em seu rosto.

Com sua perspicácia inerente, Sherlock Holmes compreendeu o que eu fazia e balançou a cabeça com um sorriso ao notar meus olhares averiguadores.

— Com exceção das constatações óbvias de que ele fuma, é maçom, outrora foi operário, já visitou a China e tem escrito muito ultimamente, nada consigo deduzir.

O Sr. Jabez Wilson se mexeu de forma súbita na cadeira, com o dedo indicador no jornal e os olhos fixos em meu amigo.

— Macacos me mordam! Sr. Holmes, como sabe de tudo isso? — admirou-se. — Como o senhor descobriu, por exemplo, que fui operário? É a mais pura verdade, pois o primeiro emprego que tive foi de marceneiro naval.

— É por causa de suas mãos, meu senhor. A mão direita é maior que a esquerda. Os músculos são mais desenvolvidos porque o senhor trabalhou com ela.

— O que lhe leva a crer que fumo e que faço parte da Maçonaria?

— Não insultarei sua inteligência dizendo como deduzi isso, sobretudo porque, em desobediência às severas regras da sua organização, o senhor usa um broche com o esquadro e o compasso.

— Ah, mas é claro. Não tinha reparado que ainda usava. E como o senhor sabe que tenho escrito muito?

— A manga direita da sua camisa é brilhante perto do punho. A manga esquerda está gasta na parte que fica em contato com a mesa quando o senhor apoia o cotovelo. O que mais poderia ser, senão um volume grande de escrita?

— Certo, mas como sabe que fui à China?

— O peixe tatuado logo acima do seu pulso direito só poderia ter sido feito na China. Estudei um pouco sobre tatuagens e cheguei inclusive a colaborar para a bibliografia do assunto. Escamas de peixes tingidas em um tom sutil de rosa é algo bem característico de lá. Ademais, quando vi a medalha chinesa na corrente do seu relógio de bolso, tudo ficou ainda mais elementar.

O Sr. Jabez Wilson gargalhou.

— Céus, quase não acredito! — disse, surpreso. — Assim que ouvi suas palavras, achei que o senhor tivesse feito algo genial. Agora vejo como é simples.

— Sabe, Watson — Holmes comentou —, creio que explicar foi um erro. É como diz a expressão latina "*omne ignotum promagnifico*". Se eu continuar sendo tão transparente assim, minha frágil reputação irá para as cucuias. Não localizou o anúncio, Sr. Wilson?

— Já encontrei — ele avisou, apontando o dedo gordo e enrubescido para o meio da coluna. — Aqui está. Isto foi o que desencadeou todos os acontecimentos. Pode ler, Sr. Watson.

Segurando o jornal que antes estava nas mãos dele, li o seguinte:

"**À LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS:** em virtude da deixa testamentária do Sr. Ezekiah Hopkins, recém-falecido na cidade de Lebanon, estado da Pensilvânia, Estados Unidos da América, há agora uma vaga aberta na Liga. O novo membro executará um trabalho simbólico por £ 4 semanais. Podem se candidatar todos os homens ruivos, saudáveis, maiores de 21 anos e em pleno domínio de suas faculdades mentais. Interessados devem ir pessoalmente ao escritório da Liga na segunda-feira às onze horas da manhã. Endereço: Rua Pope, nº 7 (esquina com a Rua Fleet). Tratar com Duncan Ross."

— Que cargas d'água quer dizer isto? — exclamei após ler o anúncio inacreditável pela segunda vez.

Holmes riu e se contorceu na cadeira, como era de praxe quando estava animado.

— Um pouco incomum, não é? — comentou ele. — Agora, Sr. Wilson, por favor prossiga e nos conte tudo do começo: como é sua vida, com quem o senhor mora e que impacto o anúncio teve em suas finanças. Antes, Doutor, por obséquio, tome nota de onde e quando o anúncio foi publicado.

— Foi no jornal "*A Crônica da Manhã*", edição do dia 27 de abril de 1890. Pouco tempo atrás.

— Excelente. Pode retomar, Sr. Wilson?

Usando o lenço de bolso para secar a testa, o Sr. Jabez Wilson recomeçou o relato.

— Bem, como eu lhe dizia antes, Sr. Sherlock Holmes, sou dono de uma casa de penhor na Praça Saxe-Coburg, perto do centro da cidade. É um comércio simples, bem pequeno. De alguns anos para cá, ganho apenas o suficiente para me sustentar. Houve épocas em que eu tinha dois funcionários, mas agora só tenho um. E a muito custo. Não teria como pagá-lo, mas ele aceita receber metade do salário para aprender o ofício.

— E como se chama esse jovem prestimoso? — Sherlock Holmes inquiriu.

— Seu nome é Vincent Spaulding, mas não é tão jovem. Não sei exatamente quantos anos ele tem. Sr. Holmes, nunca imaginei que fosse ter um funcionário tão bom. Tenho plena consciência do potencial dele para se aperfeiçoar e receber o dobro do salário que pago. Mas se ele está satisfeito, por que eu haveria de colocar ideias em sua cabeça?

— De fato, por quê? O senhor me parece muito afortunado por ter um funcionário que recebe menos que o normal. Hoje em dia, os patrões raramente têm essa oportunidade. Ele é mesmo tão excepcional quanto o senhor diz? Tenho dúvidas quanto a isso.

— Ah, mas ele também tem defeitos — o Sr. Wilson argumentou. — Vincent gosta demais de fotografia. Em vez de aprender coisas novas, ele fica andando por aí com uma

câmera. Depois, desaparece no porão para revelar as fotos, como um coelho que se esconde em sua toca. Esse é seu maior defeito, mas ele é um bom trabalhador. É um rapaz sem vícios.

— Ele ainda trabalha para o senhor?

— Sim. Além dele, tenho uma funcionária que limpa e cozinha o trivial. Moro apenas com eles dois, pois sou viúvo e nunca tive filhos. Nós três vivemos uma vida pacata, sem muito lazer. Arcamos com as despesas básicas, ainda bem, mas não sobra para além disso. A primeira coisa a abalar nossa rotina foi esse anúncio. Dois meses atrás, Vincent chegou ao escritório com este mesmo jornal em mãos, lamentando-se:

— *Céus, Sr. Wilson! Quem me dera ser ruivo.*

— *Por que diz isso? — perguntei.*

— *Ora — replicou ele —, a Liga dos Cabeças Vermelhas está à procura de um novo membro. Quem conseguir a vaga receberá uma boa quantia. Parece que são muitas vagas e poucos homens qualificados. Os administradores nem sabem o que fazer com a bufunfa. Ah, se meu cabelo mudasse de cor! Seria um trabalho perfeito para mim.*

— *Afinal, que Liga é essa? — questionei.*

— Sou um homem muito caseiro, sabe, Sr. Holmes. Como não preciso ir atrás dos clientes, pois eles vêm até mim, já cheguei a ficar semanas sem colocar os pés para fora de casa. Sendo assim, desconheço o que se passa na cidade. Sempre me alegro quando ouço alguma novidade — O Sr. Wilson explicou, retomando o relato em seguida.

— *O senhor nunca ouviu falar da Liga dos Cabeças Vermelhas? — indagou Vincent, com os olhos arregalados.*

— *Nunca.*

— *Ora, mas como, se o senhor se qualifica para uma das vagas?*

— *E qual o salário? — eu quis saber.*

— *Oh, apenas umas duzentas libras por ano, porém o trabalho exige pouco tempo e esforço, então não atrapalhará as outras atividades de quem for selecionado.*

O ruivo fez mais um comentário, interrompendo o relato por um momento:

— Como os senhores podem imaginar, aquilo chamou minha atenção. Afinal, os tempos têm sido de vacas magras no meu comércio. Um dinheirinho a mais viria a calhar.

— *Por favor, me coloque a par dos detalhes — pedi a Vincent.*

— *Olhe — ele mostrou o anúncio —, é neste endereço que o senhor deve ir para se inscrever. Até onde eu sei, a Liga foi fundada por um milionário estadunidense. Se chamava Ezekiah Hopkins. Era um homem de costumes muito peculiares. Ele queria muito bem a todos os homens ruivos, pois era um também. Quando faleceu, todo o seu dinheiro ficou nas mãos de*

*administradores, que, por sua vez, foram instruídos a gerar empregos e garantir um lugar ao sol para os homens que tinham a mesma cor de cabelo que o milionário. Soube que o trabalho é muito simples e que o salário é excepcional.*

*— Mas milhares de homens ruivos irão se candidatar — argumentei.*

*— Nem tantos assim — explicou ele. — Veja bem, apenas homens adultos e nascidos em Londres podem se candidatar. O primeiro emprego desse milionário foi em Londres, ainda na juventude. Por isso, ele queria retribuir fazendo algo que beneficiasse a cidade. Se bem que eu soube que não adianta se inscrever para a vaga se seu cabelo tiver uma cor suave. Os administradores não querem loiro-avermelhados ou castanho-acobreados. Membros da Liga devem ter cabelo ruivo intenso como labaredas. Se o senhor se inscrevesse, seria uma barbada, Sr. Wilson. Mas talvez uns trocados a mais não valham esse esforço.*

*— Senhores, como podem ver, meu cabelo tem uma cor viva. Por isso, na minha opinião, eu tinha mais chances de conseguir a vaga que qualquer um.*

*Vincent Spaulding parecia conhecer tanto essa tal Liga que achei que levá-lo comigo seria vantajoso. Mandei que fechasse a loja, coisa que ele fez com todo o prazer. Ficou nas nuvens por ter uma folga. Em seguida, seguimos para o local indicado no anúncio.*

*Eu nunca tinha visto nada como aquilo antes, Sr. Holmes. Homens vinham aos montes, de todos os cantos. Até os que tinham o mínimo vestígio de cabelo ruivo peregrinavam até ali por causa do bendito anúncio. A Rua Fleet estava lotada de ruivos. A Rua Pope parecia uma banca de laranjas na feira. Eu não fazia ideia de que havia tantos ruivos na Inglaterra. E nos mais variados tons: dourados, acastanhados, amarelados, coral, alaranjados, acaju, acobreados... Mas Vincent tinha razão. Pouquíssimos tinham a cor intensa e radiante que lembra o fogo. Fiquei desesperado quando vi todos aqueles concorrentes. Eu quis desistir, mas Vincent não deixou. Não sei como, mas ele saiu empurrando e batendo nas pessoas para abrir caminho no meio daquela multidão. Quando vi, já estávamos nos degraus que levavam ao escritório. Alguns homens subiam para lá esperançosos, outros desciam abatidos. Passamos por eles a duras penas, mas logo chegamos ao nosso destino.*

*O Sr. Jabez Wilson fez uma pausa para refrescar a memória com uma tragada de cigarro.*

*— Ouvir sua aventura está sendo muito fascinante — refletiu Holmes. — Por gentileza, siga nos alegrando com o seu relato.*

*No escritório só havia algumas cadeiras e um sujeito franzino que se apoiava em uma mesa de madeira simples. A cabeleira ruiva dele chamava atenção. Os fios tinham uma cor ainda mais intensa que os meus. Ele via defeito em todos os homens que apareciam. Só bastavam algumas palavras para desclassificar qualquer candidato. Conseguir a vaga não*

*parecia mais uma tarefa simples. Mas quando chegou a minha vez, o sujeito foi o oposto do que tinha sido com os outros. Ele foi simpático e até fechou a porta quando entrei com Vincent, para nos dar privacidade.*

*— Este é o Sr. Jabez Wilson — Vincent me apresentou. — Ele deseja se candidatar para a vaga na Liga.*

*— E ele se encaixa direitinho! — a resposta veio prontamente. — Preenche todos os requisitos. Nunca vi um candidato melhor.*

*O sujeito deu um passo para trás e inclinou a cabeça para o lado. Ele admirou tanto meu cabelo que fiquei com vergonha. E aí, do nada, deu um salto para frente, apertou minha mão e me parabenizou.*

*— Sem dúvida, não lhe contratar seria um erro — ele avaliou. — Mas peço licença para tomar uma precaução necessária. Sei que o senhor vai me perdoar por isso.*

*Logo após ouvir essas palavras, senti as mãos dele no meu cabelo. Ele puxou, esticou e repuxou. Só parou quando eu gritei de dor.*

*— Seus olhos estão marejados — ele notou. — Está tudo nos conformes. Nós da Liga temos de ser cautelosos. Já usaram perucas para nos enganar duas vezes. Uma vez, nos enganaram com tinta. Sei de histórias com cera que os deixariam com nojo da humanidade.*

*Ele foi até a janela e gritou a plenos pulmões que a vaga estava ocupada. Ouvimos suspiros de frustração no andar de baixo. Os homens foram embora, espalhados em direções diferentes. Dentro de pouco tempo o sujeito na minha frente e eu éramos os únicos ruivos ali.*

*— Meu nome é Duncan Ross — ele se identificou. — Sou um dos administradores responsáveis pelo patrimônio que nosso ilustre benfeitor deixou. — O senhor é casado, Sr. Wilson? Tem filhos?*

*Eu respondi que não.*

*O semblante dele mudou na hora. Parecia decepcionado.*

*Minha nossa! Isso é muito grave — seu tom ficou sério. — Fico triste em ouvir o senhor dizer isso. Como é evidente, o propósito da Liga é oferecer subsídio para o aumento, a difusão e a manutenção da população ruiva. Seu estado civil atual é inconveniente. Que infelicidade.*

*Isso me colocou pra baixo, Sr. Holmes. Fiquei muito triste. Achei que não ia conseguir a vaga. Mas ele refletiu por alguns minutos e disse que não tinha problema.*

*— Em outro caso, essa objeção poderia ser fatal, mas para um homem com uma cabeleira como a sua, precisaremos abrir uma exceção — disse ele. — Quando poderá iniciar suas novas funções?*

*— Bem, isto é um pouco embaraçoso, pois já tenho um negócio — respondi.*

— *Ah, não se preocupe com isso, Sr. Wilson!* — replicou Vincent Spaulding. — *Cuidarei disso para o senhor.*

— *Qual seria o horário?* — indaguei.

— *Das dez da manhã às duas da tarde.*

*Agora, o negócio de um penhorista é feito principalmente à noite, Sr. Holmes, especialmente na quinta e na sexta à noite. Por isso, para mim seria muito conveniente ganhar um dinheirinho a mais durante o dia. Além disso, eu sabia que meu funcionário era um bom homem e que cuidaria do que fosse preciso.*

— *Isso seria muito bom para mim* — disse eu. — *E o pagamento?*

— *São quatro libras por semana.*

— *E o trabalho?*

— *É somente simbólico.*

— *Como assim, somente simbólico?*

— *Bom, o senhor deverá estar no escritório, ou pelo menos no prédio, o tempo todo. Se sair, perderá o seu cargo para sempre. O testamento é muito claro nesse ponto. Se sair do escritório durante esse período, estará descumprindo as condições.*

— *São apenas quatro horas por dia, não pensarei em ir embora* — disse eu.

— *Desculpas não serão aceitas* — disse o Sr. Duncan Ross —, *nem doença, nem negócios, nem qualquer outra coisa. Deverá permanecer lá, ou não receberá seu pagamento.*

— *E o trabalho?*

— *É copiar a Enciclopédia Britânica. O primeiro volume está naquela prensa. Deverá trazer sua própria tinta, canetas e papel almaço, mas nós fornecemos esta mesa e cadeira. Estará preparado para amanhã?*

— *Certamente* — respondi.

— *Então, adeus, Sr. Jabez Wilson, e deixe-me parabenizá-lo mais uma vez pelo emprego que o senhor teve a sorte de conseguir.*

*Ele me pôs para fora da sala e fui para casa com meu funcionário, sem saber o que dizer ou fazer, de tão feliz que estava com minha própria sorte.*

*Bom, pensei sobre o assunto o dia todo e, à noite, estava desanimado novamente, pois eu havia me convencido de que todo o caso devia ser alguma grande farsa ou fraude, embora eu não pudesse imaginar qual seria seu objetivo. Parecia totalmente impossível acreditar que alguém pudesse fazer tal testamento ou que pagaria tal quantia por fazer algo tão simples como copiar a Enciclopédia Britânica. Vincent Spaulding fez o que pôde para me animar, mas na hora de dormir eu já estava decidido a sair da situação. No entanto, pela manhã, resolvi dar*

*uma olhada de qualquer maneira, então comprei um tinteiro de um centavo e, com uma caneta de pena e sete folhas de papel almaço, parti para a Rua Pope.*

*Para minha surpresa e alegria, tudo estava conforme o esperado. A mesa estava preparada para mim, e o Sr. Duncan Ross estava lá para se certificar de que eu trabalharia adequadamente. Ele iniciou com a letra A e depois me deixou, mas aparecia de vez em quando para ver se estava indo tudo bem. Às duas horas, ele me desejou um bom dia, elogiou-me pela quantia que eu havia escrito e trancou a porta do escritório atrás de mim.*

*Isso continuou dia após dia, Sr. Holmes, e no sábado, ele apareceu trazendo as quatro libras pelo meu trabalho da semana. Foi a mesma coisa nas duas semanas seguintes. Todas as manhãs eu estava lá às dez e todas as tardes saía às duas. Aos poucos, o Sr. Duncan Ross começou a visitar apenas uma vez por manhã e, depois de um tempo, parou de vez. Ainda assim, é claro, não ousei sair da sala nem por um instante, pois não tinha certeza de quando ele poderia voltar, e o pagamento era tão bom, que eu não correria o risco de perdê-lo.*

*Oito semanas se passaram, e eu havia escrito sobre Abades e Arcos e Armaduras e Arquitetura e Ática, e esperava com diligência poder chegar ao B em pouco tempo. Custou-me tanto almaço, que o armário se tornou um amontoado de anotações. E então, de repente, todo o negócio chegou ao fim.*

— Chegou ao fim?

— Sim, senhor. Na manhã de hoje. Fui para o meu trabalho às dez horas, como de costume, mas a porta estava trancada. Havia um pedaço de papelão pregado no meio do painel com uma tachinha. Aqui está, leia por si mesmo.

Ele ergueu um pedaço de papelão branco do tamanho de uma folha de papel, em que se lia:

**“A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS FOI DESFEITA. 9 de outubro de 1890.”**

Sherlock Holmes e eu examinamos esse breve anúncio e o rosto pesaroso por trás dele, até que o lado cômico do caso superou tão completamente todas as outras considerações que ambos explodimos em gargalhadas.

— Não consigo ver o que há de tão engraçado — exclamou nosso cliente, corando até as raízes de sua cabeça vermelha. — Se não fará nada além de rir de mim, posso ir embora.

— Não, não — apelou Holmes, empurrando-o de volta para a cadeira de onde ele havia se levantado. — Eu não perderia seu caso por nada neste mundo. É revigorantemente incomum. Mas há, se me desculpem, algo um pouco engraçado nisso. Diga-me, o que o senhor fez quando encontrou o cartaz na porta?

— Fiquei pasmo, senhor. Não sabia o que fazer. Então liguei para os escritórios próximos, mas nenhum deles parecia saber de nada a respeito. Finalmente, fui até o proprietário, um contador que mora no térreo, e perguntei se ele poderia me dizer o que tinha acontecido com a Liga dos Cabeças Vermelhas, e ele disse que nunca tinha ouvido falar de tal grupo. Perguntei, então, quem era o Sr. Duncan Ross, ele respondeu que o nome era novo para ele.

— *Bem — disse eu —, o cavalheiro da sala 4.*

— *Quem, o homem ruivo?*

— *Sim.*

— *Ah — ele respondeu —, seu nome era William Morris. Ele era um advogado e estava usando o cômodo como um escritório temporário até que suas novas instalações estivessem prontas. Ele se mudou ontem.*

— *Onde posso encontrá-lo?*

— *Em seu novo escritório, ele me passou o endereço. Rua King Edward, número 17, perto da Catedral de Saint Paul.*

— Parti para lá, Sr. Holmes, mas quando cheguei ao endereço era uma fábrica de joelheiras artificiais, e ninguém tinha ouvido falar do Sr. William Morris ou do Sr. Duncan Ross.

— E então, o que fez? — questionou Holmes.

— Fui para casa, na Praça Saxe-Coburg e pedi um conselho ao meu funcionário. Mas não me ajudou em nada, pois ele só disse que eu esperasse por uma carta dos correios. Mas aquilo não foi suficiente, Sr. Holmes. Não queria perder a vaga assim sem lutar, e como ouvi dizer que o senhor era bom o suficiente para dar conselhos aos pobres que deles precisavam, vim imediatamente procurá-lo.

— Sábio de sua parte — respondeu Holmes. — Seu caso é extraordinariamente notável e ficarei contente em examiná-lo. Pelo que me disse, acredito que a situação possa ser mais grave do que pensamos inicialmente.

— Grave o suficiente! — exclamou o Sr. Jabez Wilson. — Ora, perdi quatro libras por semana.

— No que lhe diz respeito — observou Holmes, — não vejo que tenha qualquer queixa contra esta liga extraordinária. Pelo contrário, o senhor está, pelo que sei, cerca de trinta libras mais rico, para não falar do minucioso conhecimento que adquiriu sobre cada assunto que vem sob a letra A. O senhor não perdeu nada.

— Não, senhor. Mas eu quero saber sobre eles, e quem são, e qual era o objetivo deles em pregar essa peça, se foi uma peça, em mim. Foi uma piada muito cara para eles, pois custou-lhes trinta e duas libras.

— Nos empenharemos em esclarecer esses pontos para o senhor. Primeiramente, uma ou duas perguntas, Sr. Wilson. Esse seu funcionário, que lhe chamou a atenção para o anúncio, está há quanto tempo com o senhor?

— Cerca de um mês.

— Como ele chegou?

— Por meio de um anúncio.

— Ele era o único candidato?

— Não, tinha uma dúzia.

— Por qual motivo o escolheu?

— Porque ele era útil e sairia barato.

— Pela metade do salário, na verdade.

— Sim.

— Como é ele, esse Vincent Spaulding?

— Pequeno, robusto, rápido à sua maneira e sem barba, embora não tenha menos de trinta anos. Tem uma mancha branca de ácido na testa.

Holmes endireitou-se na cadeira com considerável entusiasmo.

— Foi o que pensei — disse ele. — O senhor reparou se as orelhas dele têm furos para brincos?

— Sim, senhor. Ele me disse que um cigano os fez quando ele ainda era um rapaz.

— Hum — respondeu Holmes, voltando a pensar profundamente. — Ele ainda está trabalhando para o senhor?

— Ah, sim, senhor; inclusive, estive há pouco tempo com ele.

— E seu negócio foi bem cuidado em sua ausência?

— Nada a reclamar, senhor. Temos pouco o que fazer durante o dia.

— Isso basta, Sr. Wilson. Terei prazer em dar-lhe uma opinião sobre o assunto no prazo de um ou dois dias. Hoje é sábado, e espero que na segunda-feira possamos chegar a uma conclusão.

— Bem, Watson — disse Holmes quando nosso visitante nos deixou —, o que você acha de tudo isso?

— Não faço ideia — respondi francamente. — É um caso muito misterioso.

— Via de regra — observou Holmes, — quanto mais bizarro algo é, menos misterioso se mostrará ser. Assim como um rosto comum é o mais difícil de identificar, os crimes mais comuns e inexpressivos são os realmente intrigantes. Mas serei breve quanto a este assunto.

— O que fará, então? — questionei.

— Vou fumar — respondeu ele. — É um problema para pelo menos três cachimbos e imploro que você fique em silêncio por cinquenta minutos.

Holmes se acomodou em sua cadeira, com os joelhos finos encolhidos até o nariz de águia, com os olhos fechados e seu cachimbo de barro preto projetando-se para fora como o bico de algum pássaro estranho. Cheguei à conclusão de que ele havia adormecido quando de repente ele saltou da cadeira numa tomada de decisão e pousou o cachimbo sobre a lareira.

— O violinista Sarasate toca na Sala de Concerto Saint James esta tarde — ele comentou. — O que acha, Watson? Seus pacientes poderiam dispensá-lo por algumas horas?

— Não tenho nada para fazer hoje. Minha prática nunca é muito cativante.

— Então coloque seu chapéu e venha. Vou primeiro pela cidade e podemos almoçar no caminho. Observo que há uma boa quantidade de música alemã no folheto da programação, que prefiro à italiana ou francesa. É introspectivo e eu quero fazer uma introspecção. Venha!

Viajamos de metrô até Aldersgate; e uma curta caminhada levou-nos à Praça Saxe-Coburg, cenário da história singular que ouvimos pela manhã. Era um lugar apertado, pequeno e maltrapilho, onde quatro fileiras de casas de dois andares com tijolos sujos davam para um recinto cercado por grades, onde um gramado alto e alguns arbustos desbotados lutavam duramente contra uma atmosfera carregada de fumaça e incompatível. Três bolas douradas e um quadro marrom com “JABEZ WILSON” escrito em letras brancas, numa casa de esquina, anunciavam o local onde nosso cliente ruivo conduzia seus negócios. Sherlock Holmes parou em frente à casa com a cabeça inclinada para o lado e analisou tudo, com os olhos brilhando intensamente entre as pálpebras franzidas. Ele caminhou lentamente pela rua e depois desceu novamente até a esquina, ainda olhando atentamente para as casas. Por fim, voltou à casa de penhores e, tendo batido vigorosamente na calçada com sua bengala duas ou três vezes, foi até a porta e bateu. A porta foi imediatamente aberta por um jovem de aparência brilhante e bem barbeado, que lhe pediu para entrar.

— Obrigado — disse Holmes —, só gostaria de perguntar como posso ir daqui para a Avenida Strand.

— Terceira à direita, quarta à esquerda — respondeu prontamente o funcionário, fechando a porta.

— Sujeito esperto, esse — observou Holmes enquanto nos afastávamos. — Ele é, em minha opinião, o quarto homem mais esperto de Londres, e ousou dizer não ter certeza de que ele não possa ser o terceiro. Já ouvi a respeito dele.

— Evidentemente — disse eu —, o funcionário do Sr. Wilson conta muito neste mistério da Liga dos Cabeças Vermelhas. Tenho certeza de que você perguntou aquilo apenas para que pudesse vê-lo.

— Não ele.

— O que então?

— Os joelhos de suas calças.

— E o que viu?

— O que eu esperava ver.

— Por que você bateu no chão?

— Meu caro Doutor, este é um momento de observação, não de conversa. Somos espões num país inimigo. Já exploramos a Praça Saxe-Coburg, agora partiremos para a rua ao lado.

A estrada em que nos encontramos quando viramos a esquina da deserta Praça Saxe-Coburg apresentava um contraste tão grande com ela quanto a frente de uma imagem faz com a parte de trás. Era uma das vias principais que conduziam o tráfego da cidade para o norte e oeste. A pista estava bloqueada com o imenso fluxo de comércio resultando numa maré dupla de entrada e saída, enquanto as faixas de pedestres estavam lotadas de pessoas apressadas. Foi difícil perceber, ao olharmos para a fileira de lojas elegantes e instalações comerciais imponentes, que elas realmente ficavam do outro lado da praça desbotada e estagnada que havíamos acabado de abandonar.

— Deixe-me ver — declarou Holmes, parando na esquina e olhando ao longo da via. — Eu gostaria apenas de lembrar a ordem das casas aqui. É um hobby meu ter um conhecimento exato de Londres. Ali estão a tabacaria Mortimer, a pequena loja de jornais, a agência do Banco Cidade & Subúrbio, o restaurante vegetariano e a garagem de charretes de McFarlane. Isso nos leva direto para a outra quadra. E agora, Doutor, fizemos nosso trabalho, então é hora de um pouco de diversão. Um sanduíche e uma xícara de café, e depois para a terra dos violinos, onde tudo é doçura, delicadeza e harmonia, e não há clientes ruivos para nos irritar com seus enigmas.

Meu amigo era um músico entusiasta, sendo ele próprio não apenas um intérprete muito competente, mas também um compositor de mérito incomum. Durante toda a tarde, ele ficou sentado envolto na mais perfeita felicidade, acenando suavemente seus dedos longos e finos no ritmo da música, enquanto seu rosto se mostrava sorridente e seus olhos lânguidos e sonhadores.

Expressões que eram tão diferentes das de Holmes, o cão de caça, Holmes, o implacável, perspicaz e atento agente criminoso. Em seu caráter singular, sua natureza dupla se afirmava, e sua extrema exatidão e astúcia representavam, como muitas vezes pensei, um contraste ao humor poético e contemplativo que ocasionalmente predominava nele. Seu ser oscilava rapidamente levando-o de um estado de desânimo à uma energia sem fim; e, como eu bem sabia, ele nunca era tão formidável como quando passava dias a fio descansando em sua poltrona em meio a improvisações e edições de Escrita Gótica. Era, então, quando a luxúria da perseguição subitamente se apoderava dele, e seu brilhante poder de raciocínio se tornava tão perceptível, que até os que não estavam familiarizados com seus métodos olhavam para ele com desconfiança, como se pensassem que o homem à sua frente possuía conhecimentos que iam além do humanamente possível. Quando o vi naquela tarde tão envolvido com a música na Sala de Concerto Saint James, senti que a coisa estava feia para quem ele se propôs a ir atrás.

— Sem dúvidas você quer ir para casa, Doutor — ele comentou quando saímos.

— Sim, seria bom.

— E eu tenho alguns assuntos a tratar que levarão algumas horas. Isso na Praça Saxe-Coburg é sério.

— Por que sério?

— Um crime considerável está acontecendo. Tenho todos os motivos para acreditar que chegaremos a tempo de impedi-lo. Mas hoje, sendo sábado, complica bastante as coisas. Vou querer sua ajuda esta noite.

— A que horas?

— Às dez estará ótimo.

— Estarei na Rua Baker às dez.

— Pois bem. E digo, Doutor, que pode haver um pouco de perigo, então por obséquio, traga seu revólver do exército.

Ele acenou com a mão, girou nos calcanhares e desapareceu num instante entre a multidão.



Acredito que não sou tão estúpido quanto meus vizinhos, mas sempre me senti oprimido em minhas relações com Sherlock Holmes. Eu ouvi o que ele ouviu, vi o que ele viu, e ainda assim, por suas palavras, era evidente que ele sabia exatamente não apenas o que havia acontecido, mas o que estava para acontecer, enquanto para mim todo o caso ainda estava muito confuso e grotesco. Enquanto dirigia para minha casa em Kensington, pensei em tudo, desde a

extraordinária história do copiadador ruivo da Enciclopédia até a visita à Praça Saxe-Coburg e as palavras agourentas com as quais ele se afastou de mim.

Qual seria a razão desta expedição noturna? Por que eu deveria ir armado? Para onde estaríamos indo? O que iríamos fazer? Holmes insinuou que o imberbe funcionário do penhorista era um homem formidável — um homem que sabia calcular seus próximos passos. Tentei decifrar, mas, na minha impaciência, desisti e deixei o assunto de lado até que a noite trouxesse uma explicação.

Eram nove e quinze da noite quando saí de casa e atravessei o parque, passando pela Rua Oxford até a Rua Baker. Duas charretes estavam paradas na porta. Assim que entrei no corredor, ouvi o som de vozes vindo de cima. Ao entrar em seus aposentos, encontrei Holmes conversando animadamente com dois homens. Reconheci um deles. Era Peter Jones, um oficial da polícia. O outro era um homem alto e magro que tinha um semblante triste. Ele usava um chapéu muito vistoso e um sobretudo imponente.

— Ha! Nosso grupo está completo — exclamou Holmes, abotoando o paletó e pegando seu pesado chicote de montaria do cabideiro. — Watson, creio que você conheça o Sr. Jones, da Scotland Yard. Permita-me apresentá-lo ao Sr. Merryweather, que será nosso companheiro na aventura desta noite.

— Olhe só, Doutor! Faremos uma busca por criminosos em duplas novamente — disse Jones em tom pomposo. — Nosso amigo aqui é o homem perfeito para começar uma perseguição. Ele só precisa de uma mãozinha.

— Espero que a perseguição não seja uma perda de tempo — observou o Sr. Merryweather de forma melancólica.

— O senhor pode confiar sem medo no Sr. Holmes — assegurou o agente da polícia com altivez. — Espero que o Sr. Holmes não se ofenda, mas acredito que seus métodos sejam teóricos e fantásticos demais. Entretanto, não é exagero dizer que, uma ou duas vezes, suas soluções foram melhores que as da polícia, como no caso do assassinato do Major Sholto e do tesouro de Agra.

— Ah, se o senhor está dizendo, Sr. Jones, então tudo bem — afirmou o estranho com deferência. — Mesmo assim, confesso que sinto falta do carteadado. É a primeira noite de sábado em vinte e sete anos que não jogo cartas.

— Acho que os senhores vão descobrir — retrucou Sherlock Holmes — que hoje a jogatina será mais emocionante. Nunca houve tanto em jogo para os senhores como hoje. Para o Sr. Merryweather, o que está em jogo são trinta mil libras; para o Sr. Jones, capturar o homem que tanto procura.

— John Clay, o charmoso assassino, ladrão e falsificador. Ele é jovem, Sr. Merryweather, mas é o melhor da profissão e eu preferiria pôr minhas mãos nele do que em qualquer outro criminoso em Londres. John Clay é um homem notável. Seu avô foi um duque real e ele próprio frequentou as universidades de Eton e Oxford. Sua mente é tão astuta quanto seus dedos e, embora encontremos sinais dele a cada passo, nunca sabemos onde encontrá-lo de fato. Um dia ele invade uma propriedade na Escócia; em outro, arrecada fundos para construir um orfanato na Cornualha. Estou no seu encaço há anos e ainda não consegui pôr os olhos nele.

— Espero ter o prazer de apresentá-los esta noite. Também tive uma ou duas altercações com o Sr. John Clay e concordo com o senhor: ele é o melhor da profissão. Porém, já são mais de dez horas da noite e já passou da hora de começarmos. Queiram pegar a primeira charrete. Watson e eu seguiremos na segunda.

Sherlock Holmes não foi muito comunicativo durante a longa viagem e recostou-se na charrete cantarolando as músicas que ouvira à tarde. Atravessamos o interminável labirinto de ruas iluminadas por lamparinas com o veículo balançando, até que chegamos à Rua Farrington.

— Estamos prestes a chegar — comentou meu amigo. — O Sr. Merryweather é o gerente do banco e está pessoalmente interessado nesta investigação. Achei bom ter o Sr. Jones conosco também. Ele não é um mau sujeito, embora seja um incompetente em sua profissão. Ele tem uma qualidade positiva: é tão corajoso quanto um buldogue e tão tenaz como uma lagosta se colocar suas garras em alguém. Chegamos, os outros nos esperam.

Havíamos chegado à mesma rua movimentada em que nos encontrávamos pela manhã. Nossas charretes foram dispensadas e, seguindo a orientação do Sr. Merryweather, passamos por um acesso estreito e por uma porta lateral que ele abriu para nós. Dentro havia um pequeno corredor que terminava num enorme portão de ferro. Este também foi aberto, levando à uma espiral de degraus abaixo, que terminava em outro portão formidável. O Sr. Merryweather parou para acender uma lanterna e nos conduziu por uma passagem escura que cheirava à terra; assim, depois de abrir uma terceira porta, chegamos em uma espécie de cofre ou porão que possuía em seu interior um amontoado de caixotes e caixas enormes.

— O porão não é de fácil acesso por cima — observou Holmes enquanto erguia a lanterna e olhava ao redor.

— Nem por baixo — afirmou o Sr. Merryweather, batendo sua bengala nas lajes que cobriam o chão. — Ora, meu caro, isso aqui parece um tanto oco! — ele comentou, olhando surpreso.

— Por favor, fique quieto! — disse Holmes, em tom sério. — O senhor já colocou em risco todo o sucesso de nossa expedição. Por favor, tenha a bondade de se sentar em uma dessas caixas e não atrapalhar.

O solene Sr. Merryweather empoleirou-se em uma caixa, com um ar de mágoa no rosto, enquanto Holmes ajoelhava-se no chão e, com a lanterna e uma lupa, começou a examinar minuciosamente as rachaduras entre as pedras. Alguns segundos foram suficientes para satisfazê-lo, pois ele se levantou rapidamente e colocou a lupa no bolso.

— Temos pelo menos uma hora pela frente — observou ele —, pois eles dificilmente farão qualquer coisa até que o bom penhorista esteja na cama. Eles não vão desperdiçar um minuto sequer, pois quanto mais cedo fizerem seu trabalho, mais tempo terão para a fuga. Doutor, como vossa senhoria com certeza já adivinhou, estamos, neste momento, no porão da filial de um dos principais bancos do centro de Londres. O Sr. Merryweather é o gerente-geral do Banco Cidade & Subúrbio. Ele vai explicar porque os criminosos mais ousados de Londres têm um interesse considerável neste porão no momento.

— É o nosso ouro francês — sussurrou o diretor. — Recebemos vários avisos de que uma tentativa de roubo poderia ocorrer.

— Seu ouro francês?

— Sim. Há alguns meses, tivemos oportunidade de reforçar nossa segurança e, para esse fim, tomamos emprestados 30.000 napoleões do Banco da França. Veio a público o fato de que nunca tivemos motivo para desencaixotar o dinheiro e que este ainda encontra-se em nosso porão. A caixa em que estou sentado contém 2.000 napoleões empacotados entre camadas de folha de chumbo. Nossa reserva de ouro é muito maior no momento do que normalmente mantemos em uma única agência e os diretores têm receios sobre isso.

— E eles têm toda a razão — observou Holmes. — É hora de organizarmos nossos planos. Em aproximadamente uma hora eles estarão aqui. Enquanto isso, Sr. Merryweather, devemos cobrir aquela lanterna escura.

— E ficar no escuro?

— Receio que sim. Eu trouxe um baralho de cartas no bolso e pensei que, como somos quatro, o senhor poderia desfrutar de sua jogatina semanal. Mas vejo que os preparativos do inimigo estão completos e qualquer iluminação aqui poderá estragar nosso plano. Antes de mais nada, devemos escolher nossas posições. Esses são homens ousados e, embora os tenhamos em desvantagem, eles podem nos causar algum mal, a menos que tenhamos cuidado. Eu ficarei atrás desta caixa, e vocês devem se esconder atrás daquelas outras. Então, estejam prontos no momento que eu piscar uma luz sobre eles. Watson, se eles atirarem, não hesite em revidar.

Coloquei meu revólver engatilhado em cima da caixa de madeira atrás da qual me agachei. Holmes cobriu a lanterna e nos deixou na escuridão. Nunca havia experimentado uma escuridão tão absoluta quanto esta. O cheiro de metal quente permaneceu, garantindo que a luz ainda estava lá, pronta para iluminar a qualquer momento. Com meus nervos à flor da pele, havia algo deprimente e subjugante no breu repentino e no ar frio e úmido do cofre.

— Eles têm apenas uma rota de escape — sussurrou Holmes. — Pela casa na Praça Saxe-Coburg. O senhor fez o que eu pedi, Sr. Jones?

— Eu tenho um inspetor e dois policiais esperando na porta da frente.

— Então, fechamos todas as saídas. Agora devemos ficar em silêncio e esperar.

Pareceu uma eternidade! Fiz as contas e descobri que esperamos pouco mais de uma hora, mas a impressão que tive era de que o sol já estava prestes a raiar. Meu corpo estava cansado e rígido, pelo temor de mudar de posição; ainda assim, meus nervos estavam tão tensos e minha audição tão aguda que eu não só podia ouvir a respiração suave de meus companheiros, como também podia distinguir a inspiração profunda e pesada do corpulento Jones dos suspiros do franzino Sr. Merryweather. Da minha posição, olhando sobre a caixa, eu podia observar o chão. De repente, meus olhos captaram o brilho de uma luz.

A princípio, foi apenas uma estranha faísca no chão de pedra. Logo, a pequena faísca alongou-se, até se tornar uma linha amarela; então, sem qualquer aviso ou som, uma fenda se abriu e uma mão emergiu, uma mão branca, quase feminina, que tateou no centro da pequena área iluminada. A mão se contorceu por cerca de um minuto, logo projetando-se do chão. Em seguida, a mão sumiu tão repentinamente quanto apareceu, devolvendo-nos à escuridão, com exceção da pequena faísca que marcava uma fenda entre as pedras.

Seu desaparecimento, entretanto, foi apenas momentâneo. Com um barulho dilacerante, uma das grandes pedras brancas foram viradas de lado, deixando um buraco quadrado aberto, de onde fluía a luz de uma lanterna. Um rosto juvenil espiava intensamente os arredores sobre a borda do buraco. Com uma das mãos de cada lado da passagem, ele escalou a abertura até que um de seus joelhos pudesse se apoiar na borda. Em outro instante, ele ficou ao lado do buraco enquanto puxava um comparsa, que também era pequeno e ágil, de rosto pálido e cabeleira muito ruiva.

— A área está limpa — ele sussurrou. — Você trouxe o cinzel e as bolsas? Caramba! Pule, Archie! Pule, que eu vou te segurar!

Sherlock Holmes saltou de detrás da caixa e agarrou o intruso pelo colarinho. O seu comparsa pulou no buraco. Ouvei o barulho de pano sendo rasgado enquanto Jones tentava

agarrá-lo pela roupa. A luz brilhou sobre o cano de um revólver, mas o chicote de montaria de Holmes acertou o pulso do homem, derrubando sua pistola no chão.

— Não adianta, John Clay — disse Holmes calmamente. — Você não tem nenhuma chance.

— Eu percebi — friamente respondeu o outro. — Eu imagino que meu amigo esteja bem, embora eu veja que você tenha um pedaço da roupa dele.

— Há três homens esperando por ele na porta — disse Holmes.

— Imaginei algo parecido. Parece que você fez o dever de casa. Devo parabenizá-lo.

— A recíproca é verdadeira — respondeu Holmes. — Seu ruivo plano foi inovador e eficaz.

— Logo você fará companhia a seu amigo — disse Jones. — Ele desce buracos mais rapidamente do que eu. Coloque as mãos para trás para pôr as algemas.

— Eu prefiro que você não me toque com suas mãos imundas — comentou nosso prisioneiro, enquanto as algemas fechavam em seus pulsos. — Você pode não estar ciente que tenho sangue real em minhas veias. Peço que tenha a delicadeza de quando se dirigir a mim, sempre dizer 'senhor' e 'por favor'.

— Tudo bem — respondeu Jones, com uma risada irônica. — Por favor, "senhor", suba as escadas, pois o carro que levará Vossa Alteza para a delegacia vos aguarda.

— Assim é melhor — disse John Clay serenamente. Ele se curvou em reverência para nós três e saiu em silêncio sob a custódia do detetive.

— Realmente, Sr. Holmes — disse o Sr. Merryweather durante a nossa escolta para fora do porão —, não sei como o banco pode agradecer ou retribuir. Não há dúvida de que o senhor detectou e impediu de modo impecável uma das mais determinadas tentativas de assalto a banco que já vi em vida.

— Ainda tenho contas a acertar com o Sr. John Clay — disse Holmes. — Criei uma pequena despesa nesta investigação, que espero que o banco devolva; no entanto, fui bastante recompensado pela experiência singular do nosso trabalho, bem como a oportunidade de estudar o plano perspicaz da Liga dos Cabeças Vermelhas.



— Veja, Watson — Sherlock explicava durante o amanhecer, ao mesmo tempo em que degustávamos um copo de uísque com água tônica na Rua Baker. — Era perfeitamente óbvio desde o início que o único objetivo possível da cilada que envolveu o anúncio da Liga dos Cabeças Vermelhas e a cópia da Enciclopédia era tirar o inocente penhorista do caminho por

várias horas todos os dias. Foi um método um tanto peculiar utilizado para lidar com o problema, mas, na verdade, seria difícil sugerir uma melhor. O método foi sem dúvida sugerido à mente engenhosa de Clay pela cor do cabelo de seu cúmplice. O salário de 4 libras semanais era uma isca que deveria atraí-lo, que não faria diferença em seus bolsos pois estavam prestes a ficar ricos. Eles publicam o anúncio, um bandido ocupa o posto de recrutador, o outro convence o homem a se candidatar; desta forma eles conseguiram garantir sua ausência todas as manhãs da semana. Desde o momento em que soube que o funcionário aceitou o trabalho pela metade do salário, ficou óbvio para mim que ele tinha um interesse ulterior.

— Mas como você conseguiu adivinhar o motivo?

— Se houvesse mulheres na casa, eu suspeitaria que as razões seriam meramente sexuais. Isso, entretanto, estava fora de questão. O comércio do penhorista era pequeno e não havia nada em sua casa que pudesse explicar preparativos tão elaborados e caros. Então, imaginei que o alvo estava fora da casa. Qual poderia ser o alvo? Pensei no gosto do funcionário pela fotografia e em seu hábito de zarpar para o porão. O porão! No porão encontrava-se o fim do emaranhado. Fiz perguntas sobre esse misterioso funcionário e descobri que estava lidando com um dos criminosos mais calculistas e ousados de Londres. Ele estava fazendo alguma coisa no porão... algo que lhe tomava muitas horas por dia, meses a fio. Mais uma vez lhe pergunto: o que poderia ser? Eu não conseguia pensar em nada, exceto que ele estava abrindo um túnel para algum outro prédio.

Foi até este ponto que cheguei quando fomos visitar o alvo presumível. Eu o surpreendi batendo no chão com a minha bengala. Eu estava verificando se o porão se estendia pela frente ou por trás. Não se estendia pela frente. Então toquei a campainha e, como esperava, o funcionário atendeu. Tivemos alguns conflitos anteriormente, mas nunca tínhamos nos visto antes. Eu mal olhei para o rosto dele. Seus joelhos eram o que eu queria ver. Você mesmo deve ter notado como eles estavam gastos, enrugados e manchados. Eles me contaram das horas de escavação. O único ponto restante era saber por que cavavam. Dobrei a esquina e notei que o banco estava encostado às instalações do nosso amigo penhorista e senti que havia solucionado o problema. Como você percebeu, quando você voltou para casa após o concerto, visitei a Scotland Yard e o presidente dos diretores do banco.

— E como você imaginou que eles tentariam o roubo esta noite? — perguntei.

— Bem, quando eles fecharam o falso escritório, foi um sinal que eles não se importavam mais com a presença do Sr. Jabez Wilson. Em outras palavras, eles haviam concluído o túnel. Mas era essencial que o usassem logo, pois poderiam ser descobertos ou o ouro poderia ser removido. O sábado seria mais adequado para eles do que qualquer outro dia,

pois eles teriam dois dias para a fuga. Por todas essas razões, eu esperava que eles viessem esta noite.

— Perfeito raciocínio! — exclamei em admiração sincera. — É uma longa série de eventos; ainda assim, todos eles parecem verdadeiros.

— Isso me salvou do tédio — respondeu ele, bocejando. — Uma pena, pois já sinto ele se aproximando mais uma vez. Minha vida é gasta em um longo esforço para escapar das trivialidades da nossa existência. Esses pequenos casos me ajudam.

— E você é o benfeitor dos trabalhos — disse-lhe.

Sherlock Holmes deu de ombros.

— Bem, afinal das contas, há algo a se aproveitar — observou ele. — “*L'homme c'est rien — l'œuvre c'est tout*”, como escreveu Gustave Flaubert à George Sand.